

O POETA DOS INJUSTIÇADOS

Josaphat Marinho

As comemorações do nascimento de Castro Alves, há 150 anos, relembram sua personalidade e sua obra. Comumente, os poetas brilham por devaneios. Os versos românticos, líricos, os encantam, como deviam encantar a sociedade ao tempo do genial vate baiano. Hoje, domina a estima pela criação artística vinculada à realidade da vida. O sofrimento da maioria repudia ou subestima a estrofe recheada de palavras ou de imagens distantes da injustiça social. Como na prosa, o oprimido quer ver e sentir na poesia a expressão da existência humana, nos seus contrastes. O retrato da intensa dor coletiva supera o fulgor da imaginação despida de sentido e procura da verdade comum.

O drama do homem e da mulher, em maioria desprovidos de fortuna e de privilégios, não permite que as inteligências se prendam ao floreio de fantasias, negadas pelas desigualdades. Quem sofre a injustiça da sociedade de classe e de mando, rejeita a palavra inspirada em transportes de sonhos inatingíveis. O que coincide ou parece coincidir com a riqueza, geradora de desequilíbrios inaceitáveis, desperta sempre o reparo ou a indignação dos que sofrem os efeitos das disparidades sociais. Por isso as revelações do talento, mesmo aplaudidas momentaneamente sem distinção de seu conteúdo, não sobrevivem por longo tempo, se não se harmonizam com necessidades ou aspirações coletivas.

O valor excepcional da concepção poética de Castro Alves está, substancialmente, na conjugação do poder criativo e da faculdade de exprimir reivindicações do povo. O jovem atraente e de pensamento borbulhante produzia versos de paixão impetuosa. Transformava a poesia na mensagem de seus amores, como numa das que dedicou a Eugênia Câmara, indo às suas “plantas mil troféus lançar”. E mesmo sem destinação pessoal vibrava o sentimento, como no “Hino ao Sono”, “Doce influência amiga! / Gênio que a Grécia antiga / Chamava de Morfeu”. Essas estrofes eram a força do moço criador e inquieto, ao lado das quais outras iam brotar com o vinco do pensamento social.

Pode dizer-se que o fator imediato de emersão dessa idéia libertadora foi a mancha da escravidão. Nela residuiu a causa próxima que justificou a revolta do bardo condoreiro. Assim, em “O Navio Negreiro” exclamou: “Senhor Deus dos desgraçados! / Dizei-me vós, Senhor Deus! / Seu eu deliro ... ou se é verdade / Tanto horror perante os céus ...” / E, inconformado, pergunta ao oceano: “Ó mar, por que não apagas / Co’a esponja de tuas vagas / De teu manto este borrão?” A nódoa da escravidão lhe despertou esses e outros versos de rebeldia ao poder e de solidariedade à raça oprimida. Aí, porém, não se esgotou a fonte de sua força renovadora. Além do escravo, via o homem, que desejava livre e

de mentalidade forte.

Defendia a liberdade na sua maior amplitude: a liberdade do indivíduo e a do povo. Na “Ode aos Dous de Julho” exalta a luta dos heróis baianos pela independência do país, para equipará-los aos “cedros da História”. Já em versos de 1866, embora endereçados à atriz amada, não esqueceu a massa sofredora: “O povo ... o povo... é um juiz severo. / Maldiz as trevas, abençoa a luz...” Mas o moço libertário, na altura dos 20 anos, revelava a visão correta de que não há povo livre se o homem também não for livre. E o homem não é livre sem instrução,

sem “um livro na mão”. Daí a penetrante observação da madureza precoce: “Oh! Bendito o que semeia / Livros... livros à mão cheia / E manda o povo pensar! / o livro caindo n’alma / É germe-que faz a palma, / É chuva-que faz o mar”.

Singular de ver é que Castro Alves, em 1865, aos 18 anos, no poema “O Século”, se dirigia às “arcas do futuro”, para advertir: “Quando vosso braço ousado / Legislações construir, / Levantai um templo novo, / Porém não que esmaque o povo, / Mas lhe seja o pedestal”. A advertência do poeta chega às gerações de hoje com a firmeza

de quem, ainda na formação da personalidade, não se submeteu a nenhuma forma de tirania. Contra ela se sublevou, em todos os seus reflexos.

Por ter sido um moço a serviço do homem e do povo, morto há 126 anos e aos 24 de idade, a posteridade o relembra, agradecida. Ele ensinou que “a praça é do povo” e combateu “a iniquidade / Que tem na boca sempre a liberdade, / Nada no coração”. Bem haja a justiça desta hora ao poeta imortal.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia



FRED LOBO